



GOIÁS E SUA GOIANIDADE¹: A IDENTIDADE DO POVO GOIANO CONSTRUÍDA E ESTRUTURADA A PARTIR DA RELIGIÃO CATÓLICA

Rafael Ribeiro dos Santos (IC)* e-mail: rafaelribeiro.geografia@gmail.com, Maria Idelma Vieira D'Abadia (PQ)

Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Av. Juscelino Kubitschek, 146 – Jundiá – Anápolis – GO. CEP: 75.110.390. Fone: (62) 3328-1128

Resumo: A chegada dos portugueses no Brasil se insere como marco fundante para mudanças significativas nessa porção territorial da América, ocupada essencialmente por indígenas. Conforme os colonizadores europeus iam se instalando, seus costumes e heranças culturais também foram se manifestando ao longo dos anos, principalmente sua religião. O catolicismo, sobretudo em função da ação missionária dos padres jesuítas, se instaurou na colônia e em suas capitânicas de forma expressiva. Chegada à capitania de Goiás no século XVIII, a religião católica logo se disseminou e ganhou forte expressão, popularizando-se rapidamente. Essa religião foi preservada (mesmo após a independência do Brasil de Portugal e também da Proclamação da República) e passou a servir como elemento unificador e estruturador do povo goiano. Os costumes e tradições foram sendo preservados e ressignificados pelos goianos, incorporando esses ritos a sua vivência. O catolicismo não só contribuiu para a ocupação das terras goianas, mas também para a criação de elementos simbólicos de fé e devoção que atuaram e atuam no imaginário e nas crenças dos indivíduos até os dias de hoje.

Palavras-Chave: Colonização. Catolicismo. Goiás. Identidade Territorial.

Introdução

Situado no planalto central brasileiro, ou como alguns preferem nomear “o coração do Brasil”, Goiás se destaca como uma região colonizada e desbravada anos mais tarde da chegada dos portugueses no litoral brasileiro. Um dos berços do cerrado; terra de artistas da música, arte e literatura; local de grande diversidade em sua fauna e flora; espaço de encantos mil, de uma riqueza cultural gigantesca e única. O estado de Goiás, sem sombra de dúvidas, é abençoado por sua posição, embora sem mares e praias, possui seus diversos patrimônios históricos e que junto às belezas naturais, fazem com que o estado seja admirado por muitos olhares curiosos e contemplativos.

¹ A “goianidade” abrange uma época em que se procura mesclar o “velho” e o “novo”, fundir o “antigo” e o “moderno”, envolver o rural e o urbano e confluir o “atraso” e o “progresso” pelos caminhos da história (CHAUL, 2011, p. 42).



Goiás, em comum relação com sua nação-mãe, é marcado por uma forte influência religiosa do catolicismo, religião que agiu como elemento essencial na expansão do processo de ocupação das terras pelo estado. Tem a religião católica também como elemento fundador e responsável pelos primeiros festejos, os quais se popularizaram e, embora anos tenham se passado, ainda assim se mantém vivos no imaginário, nas crenças populares e na devoção do povo goiano. Frente a esse dinamismo presente em Goiás é que o presente trabalho se desdobra a cerca de uma revisão bibliográfica que busca destacar a influência da religião católica para o processo de formação e expansão do estado. Inicialmente será enfatizado o caminho percorrido pelo catolicismo até Goiás, bem como a força dessa devoção na vida dos goianos e sua identidade; encerra-se sublinhando a efervescência da devoção religiosa e o culto às tradições mantidas ao longo de anos pela cultura popular.

Material e Métodos

O presente artigo é resultado da pesquisa feita a partir do plano de trabalho intitulado “Religiosidade Popular em Goiás: da crença histórica às novas interpretações do sagrado”, o qual se insere no projeto de pesquisa “A Religiosidade Popular nas Antigas Terras de Bonfim e Meia Ponte: um estudo sobre a devoção a São Sebastião”. A fim de entender esse processo de religiosidade popular e devoção do povo goiano, o qual propicia forte correlação com o seu próprio modo de ser e agir, foi utilizado os seguintes passos metodológicos:

1. Observação empírica do fenômeno de pertencimento do povo goiano;
2. Coleta de dados por meio de pesquisa bibliográfica em artigos e livros;
3. Análise a partir de relatos informais, principalmente por parte de moradores mais antigos de Goiás.

Resultados e Discussão

A Religião Católica chegou ao Brasil no século XVI, mais especificamente em sua segunda metade, através dos padres jesuítas lotados na colônia de Portugal. A implementação da religiosidade cristã no território recém-descoberto está inserida



tanto no sentido da preservação do catolicismo em meio aos portugueses, quanto à “civilização” dos povos já existentes (índios). Uma vez que os nativos do território brasileiro eram vistos como não civilizados pelos europeus, tal afirmativa se justifica pela negação às tradições e cultos resguardados e praticados. Para tanto, a ação salvífica e missionária dos jesuítas era de fundamental importância nesse processo, a fim de evangelizar e doutrinar. Afinal, diante de sua chegada, os europeus perceberam a vulnerabilidade e fragilidade desses povos que habitavam as novas terras. Embora tivessem certa habilidade com arco e flecha, isso não preocupava os colonizadores, pois além desses serem bem equipados com armas de fogo e em maior número, os índios não eram organizados, nem sequer possuíam líderes, sendo assim, seriam dominados facilmente pelos “invasores portugueses”.

Souza (1956, p. 140-141) *apud* Kuhnen (2005, p. 150-151) expõe claramente esta situação descrita no parágrafo anterior a respeito da vulnerabilidade inequívoca dos indígenas.

Os habitantes desse mundo não têm fé, nem religião, nem idolatria, nem conhecimento algum do seu Criador, nem estão sujeitos a leis ou qualquer domínio, mas apenas ao conselho dos velhos; nada têm como próprio, mas tudo lhes é comum, salvo as mulheres; andam todos completamente nus e nem homens nem mulheres cobrem as partes vergonhosas, afora em alguns dias festivos em que uns pintam os corpos de várias cores, outros cobrem-se, depois de ter untado o corpo, com pequenas penas de aves. Os homens são de cor parda, e cabelos negros longos e corrediços, não crespos como o dos Etíopes, posto que habitem no mesmo paralelo, de estatura pequena, de corpo robusto, rosto amplo, olhos pequenos, tendo buracos no queixo e além de disso diversos na face, onde colocam pedras e ossos a título de ornato; todos os homens são imberbes e as mulheres arrancam-lhes os pêlos, mas alguns trazem uma barba pintada. Os homens copulam com as mulheres, mas não em público nem entre estes dois graus de parentesco; o filho com a mãe ou o pai com a filha e o irmão com a irmã. Não tem brado algum; comem assado ou cozidas as carnes das aves e de todos os animais, bem como a carne humana dos seus inimigos, e de igual modo os peixes e crocodilos.

Dada à inserção do catolicismo no Brasil, o que agiria como um dos elementos unificadores entre colonizador e colonizado, torna-se nítida a dimensão que a Igreja passa a ter diante do território². Com a preservação do aparato legal do padroado, a Igreja que surge no Brasil, a certo modo, se insere como uma expansão modulada a aquela existente em Portugal, mantendo as qualidades específicas de

² “[...] é o espaço apropriado por um ator, sendo definido e delimitado por e a partir de relações de poder, em suas múltiplas dimensões.” (RAFFESTIN, 1993 *apud* ALBAGLI, 2004, p. 26).



se explicar a fé cristã (KUHNE, 2005). Cabe destacar que o regime de padroado se caracterizava por concessões do Estado à Igreja, as quais lhe permitiam a instalação em seus territórios já conquistados/colonizados ou que ainda estavam por vir, bem como auxílio em tomadas de decisão, além dos vários direitos que o clero gozava dessa estreita relação.

A Igreja Católica, em virtude de sua expansão e domínio, passa então a construir uma territorialidade. Nas palavras de Albagli (2004, p. 28), trata-se das “relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas [...] e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico”. Ou seja, o catolicismo passa a exercer uma hegemonia frente à colônia portuguesa através da socialização e do construto de uma psicologia coletiva, uma interação, nem sempre espontânea, entre os nativos e colonizadores mediada pela doutrinação/catequização da Igreja. Em decorrência desse processo, cria-se uma identidade que “pelo conjunto de seus múltiplos significados, está diretamente relacionada ao desenrolar da vida de seus criadores e incorporada às suas práticas; suas construções são tanto simbólicas quanto sociais” (D’ABADIA, 2014, p. 42). A identidade em questão se faz pela noção de pertencimento inserida no imaginário dos nativos mediante a religião católica e práticas cristãs, bem como a difusão dessa fé pelas outras partes da colônia.

Com o passar do tempo os colonizadores foram expandindo a sua área de atuação sobre o território brasileiro – através de suas expedições, desbravando matas fechadas e com a esperança de encontrar mais riquezas naturais a serem exploradas – até chegarem à porção central da colônia, ocupando assim as terras do então Estado de Goiás. Conforme expõe D’Abadia (2014) o processo de ocupação do território goiano se deu pela riqueza de minerais nas terras ainda não desbravadas, o que ocorreu por volta de 1722. Por meio da ação do padroado régio a Igreja católica se difundiu pelo estado com a atuação das Bandeiras, em que religiosos acompanhavam os expedicionários colonizadores em suas missões, visto que conforme iam se instalando as atividades mineradoras também se construía capelas, cada qual com seu padroeiro. Dada à edificação do trabalho e da atividade



religiosa nas localidades, em seguida vinham o crescimento e expansão dessas áreas ocupadas pelos portugueses.

Com a descoberta do minério em Goiás, posteriormente o território foi sendo povoado e crescendo gradativamente, não diferente o catolicismo foi sendo expandido e passando a ser a religião oficial não oficializada no Brasil e em Goiás. A religião católica passou a se inserir de forma estruturante na vida do povo goiano, tal prática religiosa é expressa como sendo “um fenômeno da cultura humana capaz de se expressar na paisagem como uma representação simbólica [...] expressa à construção social e a valorização da sociedade, ainda revela a estrutura social e a conformação dos lugares” (D’ABADIA, 2014, p. 25).

Após um tempo, Goiás passou a ser percebido, de modo comum, por sua decadência em detrimento do esgotamento do ciclo aurífero. “Hoje, peneiradas na bateia do tempo, temos o duro cascalho da história, mesclado com as pedras do meio do caminho da interpretação, e uma herança mineratória, registrada sob o signo atávico do ócio, do atraso, do isolamento” (CHAUL, 2011, p. 42). Daí em diante, o estigma de “atraso” passou a determinar a figura do goiano, criando assim o termo “goianice”, atribuído a Goiás, que serviu para representar o período de marasmo e decadência da capitania após a redução, quase extinção, da produção de minério. Em contrapartida, sob a égide do movimento da década de 1930, em justaposição a denominação criada décadas atrás, surge a “goianidade”, indicando o entendimento de modernidade e progresso a Goiás (*idem*).

Após o processo de colonização das terras goianas, a exploração e decadência do ouro, Goiás passa a se firmar e junto a isso o “goiano”, um ser marcado por um intenso período de colonização e que agora tem que se fortalecer com e por suas próprias pernas. Entretanto, é inegável a presença marcante da influência cultural dos povos que passaram pelo estado e que serviram como elementos essenciais na constituição do goiano nesse novo período, o da “goianidade”. Historicamente, o goiano é fruto de uma frutífera ação de mestiçagem, com traços do negro africano, dos povos indígenas nativos do Brasil-Colônia e dos europeus.

Somos o arquétipo do desejo da realização, a vida comunitária dos índios que os hippies tentaram um dia adotar, somos a secular batucada e ritos



africanos, onde os Kalunga nos guardam desde tempos imemoriais. Somos a modinha lusitana nos saraus de Vila Boa, o traço europeu nas óperas dos barracões de Meya Ponte, hoje Pirenópolis, somos ainda a herança espanhola ou portuguesa das cavalhadas, a viga mestra do cristianismo na procissão do fogaréu na Cidade de Goiás, e somos ainda nós, os goianos, os homens pardos de que nos falou Luiz Palacin, na catira, nas folias de reis e do divino ou na dança do congado de Catalão (CHAUL, 2011, p. 42).

Ser goiano é ser um indivíduo marcado por uma forte e diversificada herança cultural; é o homem e a mulher destemidos e valentes; é o povo que não se envergonha de um passado assinalado pela vida sertaneja³, e que nela ainda possui traços marcantes, tanto na música, na culinária, nas vestes e no modo de falar. Trata-se também de uma gente que, embora inserida nessa contemporaneidade arreigada na população nacional, marcada especialmente pela tecnologia e seus arrasadores avanços, ainda preserva traços originais de um passado não muito distante. Essas heranças culturais se concretizam através de suas cidades e monumentos históricos tão apreciados por todos e símbolos do patrimônio artístico, cultural e imaterial. Esses patrimônios culturais são essenciais para a compreensão de fatos históricos e conservação de uma memória viva por meio das pessoas, bem como o reconhecimento da relevância desses como elementos-chave da história de uma sociedade.

O patrimônio cultural é documento vivo e dele provém referências para a compreensão da trajetória cultural [...] é importante compreender os bens culturais em relação com a comunidade e seu contexto cultural, bem como conhecer e valorizar esses bens em função do uso e do consumo, da relação com o entorno, seu caráter estético e simbólico. Esse conhecimento do todo dinâmico contribui para a permanência dos bens culturais enquanto vida (CABRAL, 2004, p. 146).

No desvelar dos anos, o povo goiano não se desvinculou da tradição católica inserida em seus costumes pelos portugueses, somente foi tomando novas formas, o que não significa que deixou de manter as bases tradicionais que lhes foram passadas pelos europeus. O catolicismo se popularizou, e para esse

³ O sertanejo e conseqüentemente a vida sertaneja aqui assinalada não se vincula ao arquétipo construído e popularizado por Monteiro Lobato em sua obra "Urupês", onde esse homem do campo é descrito como o sujeito espertalhão, cheio de manias e com um jeito único, além de caracterizar-se pela preguiça para a realização dos seus afazeres. Pelo contrário, o sertanejo ou caipira, vai da nomenclatura desejada, de Goiás se estrutura pela representação da figura do homem do campo valente, destemido, audacioso, forte e inteligente; o indivíduo que não teme as intemperanças da vida e que com sua efervescente devoção sempre invoca a presença do altíssimo (Deus), seja para pedir ou agradecer.



catolicismo popular Hoornaert (1991) alega se tratar de uma devoção vivida pelas classes baixas, os pobres como um todo. Ainda segundo o autor, esse catolicismo popular se constitui como sendo “a cultura original e mais rica que o Brasil já produziu” (*idem*, p. 99) ao longo de sua história, desde a colonização. Em complemento, Hoornaert (1991, p. 104) ainda postula que “foi o catolicismo dos pobres que guardou durante séculos a mensagem evangélica para o Brasil e que continua a remir o catolicismo oficial”. Ou seja, sem a popularização dos ritos católicos feita pelas classes insurgentes, talvez essa devoção histórica e de bases europeias já teria sido dizimada nas terras do povo não civilização, ou melhor, que foram forçados a serem civilizados.

Dada a forte expressão do culto católico em terras goianas, averigua-se que passa a ser cunhada uma identidade em conformidade à religião católica. As relações de apropriação que foram sendo instituídas e construídas ao longo dos anos, seja no sentido concreto ou ideológico, fizeram com que os goianos passassem por um processo de identificação social a partir da construção de sentidos e significados dados pela religiosidade católica. Esse ato identitário em consonância ao catolicismo valida-se nas palavras de Sandes (2002, p. 15):

A identidade de uma região traduz um problema de autoconsciência em que se exige a transubstanciação do espaço em lugar. E que, para além dos fluxos que determinam a formação do território, seja possível encontrar marcos de fundação capazes de atribuir homogeneidade ao essencialmente diverso.

A demarcação cultural exercida pelo culto católico em Goiás, fez com que fosse estabelecida uma identidade religiosa, a qual pode ser compreendida através da “construção histórico-cultural socialmente reconhecível do sentimento de pertença religiosa e está relacionada a determinado tempo e espaço” (GIL FILHO; GIL (2001) *apud* D’ABADIA, 2014, p. 40). A legitimação identitária ocorre devido a um conjunto de práticas forjadas pela estrutura eclesiástica, faz com que os goianos passem a criar o que pode ser denominado por “territorialidade religiosa”, a qual se funde a partir do simbolismo atribuído aos territórios. Essa prática acaba servindo como responsável da dinâmica estruturante pela sacralização espacial, o que em Goiás gera intenso número de padroeiros presentes nas cidades por meio de um reconhecimento simbólico. Essa valorização vai de encontro, em sua maioria, a



experiência religiosa vivida, reproduzida, popularizada, repetida e que por fim se insere nas crenças e na devoção popular a um santo em específico.

Goiás é um estado marcado por um dualismo de sentidos em suas crenças, tangenciando o âmbito do sagrado e do profano. No conjunto das cidades goianas, diversas se caracterizam pela presença de espaços que foram e são sacralizados ao longo da história e que por influência de uma cultura popular, bem como o catolicismo, o qual também se popularizou, acabam ganhando ressignificações de sentido e valor. Como D'Abadia (2014, p. 19) ressalta “os espaços sagrados são criados a partir da hierofania”, sendo assim, uma manifestação do sagrado, seja em um dado espaço ou pessoa, isso por sua vez ocorre em Goiás em diversas cidades por meio da sacralização dos lugares através dos padroeiros. Tal processo é pautado pela devoção que as pessoas têm a determinado santo, seja por benção recebida individual ou coletivamente, com isso são realizadas celebrações e festas⁴ a fim de cultuar e celebrar a crença ao santo evocado como padroeiro. Assim, em Goiás, todos os seus municípios possuem um padroeiro e conseqüentemente festejos que celebram essa santidade, alguns já comemorados por décadas e décadas.

Determinadas festas são vistas como paisagens constituídas por uma densa tessitura em que se amalgamam os tempos sagrado e profano, a forma dos ritos herdados de cada período histórico. *Muitas festas elaboram-se entre a dialética dos conteúdos daquilo que permanece e renovam-se nas representações da religião, da fé e da identidade de cada indivíduo e de sua construção coletiva.* Todo esse conjunto revela-se por aspectos de rugas históricas deixadas do passado e ressignificadas no presente (D'ABADIA, 2014, p. 24, *grifo nosso*).

Para tanto, a Igreja, bem como todo o conjunto de suas festas calcadas na religião possuíram:

[...] igualmente, função social importante, e quase exclusiva, nos núcleos urbanos do sertão. A capela constitui-se sempre em marco essencial dessas comunidades, em volta do qual se erguia a estrutura social, e à cuja frente abria-se o largo ou a praça para onde convergiam os acontecimentos relevantes da vila ou arraial (FREITAS, 2007, p. 35).

⁴ Sobre as festas, a geógrafa D'Abadia (2014, p. 81) alega que essas “têm uma relação cultural muito forte no estado de Goiás, pois, as festividades testemunham a experiência individual e coletiva da identidade de um povo, desenvolvendo e reafirmando os seus valores”.



Com efeito, o que fora postulado pelas autoras citadas inferiu que as festas de padroeiros se expressam pela organização e pela reunião de aspectos que vão de encontro ao tempo sagrado e profano, os quais são denotados por ritos historicamente perpetuados pela sociedade. Assim, esses festejos, que em boa parte já possuíam capelas ou mesmo eram construídas após a realização de algumas celebrações ao santo devotado, passam a desempenhar um papel fundamental no processo expansivo das cidades goianas. Afinal, as capelas em Goiás passaram a receber a função de espaços que se caracterizavam pela edificação religiosa no meio social, o que era interpretado pelo ideal de que uma vez que a Igreja, instituição religiosa, se fixava em um local, era sinal de proteção e bênçãos para aquela dada região, permitindo a expansão desse novo meio urbano.

Considerações Finais

Diante do processo de fixagem da religião católica pelo território goiano, gera-se então a expansão das cidades, as quais vão sendo habitadas e configuradas gradativamente, ocasionando uma dissolução/ocupação do cerrado goiano ao longo dos anos. Goiás então não se desenvolve despregando-se dos costumes e representações que foram fundamentais em sua ocupação territorial. O “mundo goiano” ainda em tempos modernos não se desencantou, nem mesmo rompeu com as feições religiosas, elas ainda, em especial pela atuação dos padroeiros – protetores das cidades e povoados – agem continuamente na configuração da identidade e das ações dos goianos. O catolicismo sobrevive em meio aos arranjos e desarrajos da contemporaneidade goiana.

Agradecimentos

Agradeço a minha professora e orientadora Dra. Maria Idelma Vieira D’Abadia por todas suas contribuições e ensinamentos; e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Goiás (PIBIC/UEG) pela concessão da bolsa de pesquisa.

Referências

ALBAGLI, Sarita. Território e Territorialidade. In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (orgs). **Territórios em Movimento**: cultura e



identidade como estratégia de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília (DF): SEBRAE, 2004, p. 23-70. Disponível em: < <http://inspirebr.com.br/uploads/midioteca/d64c55dfd943251ede2b6330035a5994.pdf#page=24> >. Acesso em: 12 Fev. 2018.

CABRAL, Fabrício Guimarães Sobral. Patrimônio Cultural e Desenvolvimento Nacional: o potencial dos bens de natureza imaterial. In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (orgs). **Territórios em Movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília (DF): SEBRAE, 2004, p. 131-156. Disponível em: < <http://inspirebr.com.br/uploads/midioteca/d64c55dfd943251ede2b6330035a5994.pdf#page=24> >. Acesso em: 12 Fev. 2018.

CHAUL, Nasr Fayad. A Identidade Cultural do Goiano. **Ciência e Cultura**: São Paulo, v. 63, nº 3, 2011, p. 42-43. Disponível em: < http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252011000300016&script=sci_arttext&lng=es >. Acesso em: 12 Fev. 2018.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e Identidade Religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade – GO**. Paco Editorial, Jundiaí – SP, 2014.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira da. **Goiás: história e cultura**. Goiânia: Descubra, 2ª edição, 2007.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro: 1550-1800**. Petrópolis – RJ: Vozes, 3ª edição, 1991.

KUHNEN, Alceu. **As Origens da Igreja no Brasil: de 1500 a 1552**. Bauru – SP: Edusp, 2005.

SANDES, Noé Freire. Memória e História de Goiás. In: SANDES, Noé Freire (org.). **Memória e Região**. Brasília: Ministério da Integração Nacional – Universidade Federal de Goiás: Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas, 2002, p. 17-36.